

Vivian Fragoso Pellis

**A FAMÍLIA MYRTACEAE JUSS. NO PARQUE MUNICIPAL DA
LAGOA DO PERI, SANTA CATARINA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do grau
de Licenciatura em Ciências
Biológicas
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mayara K.
Caddah

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Pellis, Vivian Fragoso

A família Myrtaceae Juss. no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Santa Catarina, Brasil / Vivian Fragoso Pellis ; orientadora, Mayara K. Caddah, 2019.

67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Myrtaceae. 3. Lagoa do Peri. 4. Levantamento florístico. 5. taxonomia. I. Caddah, Mayara K.. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Vivian Fragoso Pellis

**A FAMÍLIA MYRTACEAE JUSS. NO PARQUE MUNICIPAL DA
LAGOA DO PERI, SANTA CATARINA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado para o cumprimento da disciplina TCC II (BIO 7016) e avaliado pela Banca Examinadora.

Florianópolis, 4 de julho de 2019.

Prof. Carlos Roberto Zanetti, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Mayara Krasinski Caddah Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Duane Fernandes de Souza
Lima Dr.^a
Jardim Botânico do Rio de
Janeiro

Mariana Andrade Wagner,
Msc.
Universidade Federal de Santa
Catarina

Fernando Santos Cabral
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus
amados pais, Sílvia e Eduardo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades e aprendizados em meu caminho até agora.

Agradeço a Universidade Federal de Santa Catarina por me acolher durante esses anos, e por oferecer oportunidades incríveis de crescimento e aprendizado. Sou muito grata por fazer parte dessa Universidade pública, gratuita e de qualidade, que tanto contribui com a melhoria e progresso de nosso país e sociedade. Agradeço ao laboratório de Sistemática Vegetal e ao Herbário FLOR, por tornarem possível a realização deste trabalho.

Agradeço com profunda sinceridade a todos os meus professores, desde o ensino infantil até a graduação. Em especial, agradeço aos Professores Renato Freitas, Paulo Simões, Admir Giachini, Carlos Pinto, Malva Medina, Natalia Hanazaki, Bárbara Segal e Mayara Caddah, por terem sido professores incríveis. Com certeza vocês são exemplos a serem seguidos.

Ressalto aqui minha gratidão a Professora Mayara, primeiramente por despertar meu interesse na área da botânica, com aulas interessantes e cheias de entusiasmo, e por ser uma orientadora sensacional. Obrigada por estar sempre disposta a auxiliar, a incentivar e a compreender.

Agradeço também a todos os colegas do laboratório, em especial ao Rodrigo Borges, pela ajuda durante as saídas de campo e com a identificação de algumas espécies. Obrigada também a Piera, Fernando, Gabriela, Pamela, Eduardo, Kauana, Daniele e Andri.

Obrigada às amigas queridas que fiz na UFSC: Ana Carolina, Bruna, Alice, Natalia Fogolari e Aléxia Campos. Agradeço também à Anna Luiza Andriani e Carolina Poluceno por estarem comigo nesses momentos intensos de final de curso. Obrigada a todos os colegas da turma 14.1, que

compartilharam comigo momentos inesquecíveis. Em especial à Isis e Sophia, pelo companheirismo e amizade.

Gostaria de agradecer também às minhas amigas da vida (e de longa data), Tayná Iha, Lara Cruz e Rayssa Weber, por me acompanharem durante muitas fases da minha vida e sempre estarem ao meu lado.

Agradeço a toda minha família, pelos momentos de alegria e carinho, e por serem minha base. Às minhas primas Nathália e Marina, por serem minhas primeiras e grandes amigas na vida. Agradeço à minha tia Lúcia Fragoso, por ter me ensinado e incentivado a amar a Biologia (desde pequena). Obrigada por torcerem por mim e por vibrarem pelas minhas conquistas.

Agradeço imensamente aos meus pais, Sílvia e Eduardo, por todo amor, carinho, incentivo, valores, educação, exemplo e dedicação. Obrigada por fazerem tanto por mim, e com tanto amor. Não tenho palavras pra expressar minha gratidão e amor por vocês.

Por fim, agradeço ao meu amigo, companheiro, e namorado, Luca Langn Sempé, por estar comigo em tantas fases da minha vida, e por ter me acompanhado ao longo de toda minha graduação. Obrigada pela ajuda, pelas conversas, conselhos, almoços, por compartilhar tantos momentos importantes comigo e por deixar meus dias sempre melhores.

A concretude das palavras não traduz a
subjetividade dos sentimentos.

(Sylvio Ourique Fragoso, 1978).

RESUMO

Myrtaceae é uma das famílias de angiospermas que apresenta maior riqueza e diversidade do mundo. No Brasil, é representada por mais de mil espécies, distribuídas em 23 gêneros distintos, concentrados em uma única tribo: Myrteae. Suas espécies possuem alto grau de importância ecológica, participando de importantes interações bióticas. Economicamente, têm valor comercial nos setores madeireiro e alimentício, além de algumas espécies possuírem propriedades medicinais. A Mata Atlântica é considerada um dos cinco principais *hotspots* de biodiversidade do Planeta, e o Parque Municipal da Lagoa do Peri, localizado na porção insular de Florianópolis, Santa Catarina, constitui uma importante unidade de conservação deste bioma, já que abriga ampla diversidade de espécies da fauna e da flora. Uma vez que conhecer a biodiversidade local é fundamental para a conservação, este trabalho teve como finalidade realizar um levantamento florístico e um tratamento taxonômico das espécies de Myrtaceae ocorrentes dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri. Para tal, foram realizadas quatro expedições a campo, entre os meses de novembro de 2017 a outubro de 2018. Foram analisadas exsicatas depositadas nos herbários FLOR e FURB, e do material coletado nas expedições a campo. Para identificação das espécies foram utilizadas bibliografias especializadas, imagens depositadas em herbários virtuais e consulta online aos tipos e protólogos. Foram registradas 25 espécies pertencentes a 7 gêneros, sendo *Eugenia* e *Myrcia* os mais ricos, representados por 9 espécies cada, seguidos por *Campomanesia* (2 spp.), *Psidium* (2 spp.), *Plinia* e *Myrciaria* e *Syzygium* (1 spp. cada). *Syzygium cumini* e *Psidium guajava*

são espécies introduzidas. São apresentadas chaves de identificação, descrições, fotos e comentários acerca das espécies encontradas.

Palavras-chave: Mata Atlântica, Myrtales, taxonomia.

ABSTRACT

Myrtaceae is one of the angiosperm families that presents the world's greatest richness and diversity of species. In Brazil it is represented by more than a thousand species, distributed in 23 distinct genera, concentrated in a single tribe: Myrteae. Their species have a high degree of ecological importance, participating in important biotic interactions. Economically, they have commercial value in the wood and food sectors, and some species have medicinal properties. The Atlantic Forest is considered one of the five main biodiversity hotspots on the Planet, and the Municipal Park of Lagoa do Peri, located in the island of Florianópolis, Santa Catarina, constitutes an important conservation unit of this biome, since it shelters a wide diversity of species of fauna and flora. Once knowing the local biodiversity is fundamental for the conservation, this work had the purpose to carry out a floristic survey and a taxonomic treatment of the species of Myrtaceae occurring within the limits of the Municipal Park of Lagoa do Peri. For that, four field expeditions were realized, from November 2017 to October 2018. Specimens from Lagoa do Peri, deposited in the FLOR and FURB herbariums and the material collected in the field expeditions were analyzed. To identify the species, specialized bibliographies, images deposited in virtual herbaria and online consultation of types and prototypes were used. A total of 25 species belonging to 7 genera were recorded, with *Eugenia* and *Myrcia* being the most abundant species (9 spp.). *Campomanesia* (2 spp.), *Psidium* (2 spp.), *Myrciaria*, *Syzygium*, and *Plinia* (1 spp. each). *Syzygium cumini* and *Psidium*

guajava are introduced species. Identification keys, descriptions, photos and comments about the species found are presented.

Key words: Atlantic Forest; Myrtales; taxonomy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa indicando a localização do Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, Santa Catarina.....	18
Figura 2 - Parque Municipal da Lagoa do Peri.....	20
Fig 3 - Indivíduos pertencentes à família Myrtaceae	58
Fig 4 - Indivíduos pertencentes à família Myrtaceae	59
Fig 5 - Indivíduos pertencentes à família Myrtaceae	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo geral.....	17
2.2 Objetivos específicos.....	17
3. MATERIAIS E MÉTODOS	18
3.1 Área de estudo.....	18
3.2 Levantamento florístico e tratamento taxonômico	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5. MYRTACEAE	26
Chave de Identificação para as espécies de Myrtaceae no PMLP.....	26
5.1 <i>Campomanesia littoralis</i>	29
5.2 <i>Campomanesia xanthocarpa</i>	30
5.3 <i>Eugenia astringens</i>	32
5.4 <i>Eugenia bacopari</i>	33
5.5 <i>Eugenia brasiliensis</i>	34
5.6 <i>Eugenia brevistyla</i>	35
5.7 <i>Eugenia catharinae</i>	36
5.8 <i>Eugenia involucrata</i>	37
5.9 <i>Eugenia pluriflora</i>	38
5.10 <i>Eugenia stigmata</i>	40
5.11 <i>Eugenia uniflora</i>	41
5.12 <i>Myrcia brasiliensis</i>	42
5.13 <i>Myrcia ferruginosa</i>	43
5.14 <i>Myrcia hartwegiana</i>	44
5.15 <i>Myrcia hatsbaschii</i>	45
5.16 <i>Myrcia multiflora</i>	46
5.17 <i>Myrcia neolucida</i>	47
5.18 <i>Myrcia palustris</i>	48
5.19 <i>Myrcia pubipetala</i>	49
5.20 <i>Myrcia splendens</i>	50
5.21 <i>Myrciaria plinioides</i>	52
5.22 <i>Plinia peruviana</i>	53
5.23 <i>Psidium cattleianum</i>	54
5.24 <i>Psidium guajava</i>	55
5.25 <i>Syzygium cumini</i>	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS	63

1. INTRODUÇÃO

A família botânica Myrtaceae é representada por 145 gêneros e mais de 5.500 espécies no mundo (WILSON, 2011), sendo a mais rica dentro da ordem Myrtales (JUDD et al., 2009). Sua distribuição é predominantemente tropical e sul temperada, com centros de diversidade localizados na América do Sul, Austrália e Sudeste da Ásia, além de ter baixa representatividade no continente Africano (WILSON et al., 2001).

No Brasil é a oitava maior família entre as angiospermas e compreende aproximadamente 1030 espécies distribuídas em 23 gêneros, sendo que os gêneros *Eugenia* L. e *Myrcia* DC. encontram-se em primeiro e oitavo lugar entre os gêneros mais ricos do Brasil, respectivamente (BFG, 2015). Myrtaceae é bem representada em todas as regiões, principalmente no Sudeste, e tem significativa expressividade no bioma da Mata Atlântica (BARROSO; PERON, 1994), um dos mais ricos em diversidade biológica do planeta. Porém, este bioma é também um dos mais ameaçados, sendo apontado como um dos cinco principais *hotspots* de biodiversidade do mundo (MYERS et al., 2000).

Por muitos anos Myrtaceae fora dividida em duas subfamílias: Myrtoideae e Leptospermoideae, as quais eram caracterizadas por possuírem frutos tipos carnosos e secos, respectivamente (WILSON, 2011). Recentemente, estudos moleculares mostraram que a subfamília Myrtoideae não era monofilética, e essa classificação foi abandonada (WILSON et al., 2001). Atualmente, Myrtaceae é dividida em duas subfamílias e 17 tribos. A subfamília Psiloxylodeae, caracterizada por

plantas dioicas, com presença de cavidades secretoras, porém sem óleos essenciais, e número cromossômico básico $x=12$; e a subfamília Myrtoideae, representada por plantas com flores bissexuadas, com cavidades secretoras, presença de óleos essenciais, e número cromossômico básico $x=11$ (WILSON, 2011). Todas as mirtáceas encontradas no Brasil são classificadas dentro da tribo Myrteae DC (subfamília Myrtoideae).

As espécies de Myrtaceae pertencentes à tribo Myrteae geralmente possuem hábito arbóreo ou arbustivo e caules lenhosos. Apresentam folhas simples e opostas, sem estípulas (ou estas se apresentam diminutas), com margens inteiras e nervura marginal. Frequentemente apresentam glândulas oleíferas visíveis e estames numerosos. As inflorescências podem ser de vários tipos, ou reduzidas a flores isoladas. Possuem ovários ínferos ou semi-ínferos (WILSON, 2011). As flores geralmente apresentam coloração branca (4-5 pétalas) e frutos do tipo baga (LANDRUM; KAWASAKI, 1997).

Myrtaceae é uma família de grande importância ecológica e econômica. Seus frutos carnosos servem de alimento para muitas espécies da fauna silvestre, estabelecendo importantes interações bióticas (GOMES et al., 2017). Além da importância ecológica, as espécies de Myrtaceae são bastante populares no Brasil: as pitangueiras, jabuticabeiras e goiabeiras são exemplo de árvores cujos frutos são consumidos tradicionalmente pela população. Outras espécies são utilizadas para fins medicinais, como *Syzygium cumini* (L.) Skeels (MIGLIATO et al., 2006) e *Eucalyptus globulus* Labill (LORENZI; MATOS, 2008).

De acordo com a Flora do Brasil 2020 (em construção) a Mata Atlântica possui registro para 714 espécies da família Myrtaceae, e 183 espécies ocorrem no Estado de Santa Catarina. Existem alguns estudos sobre família Myrtaceae na região Sul do Brasil. Legrand e Klein (1967, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972, 1977, e 1978), em seus volumes escritos para Flora Ilustrada Catarinense, descrevem 205 espécies de Myrtaceae distribuídas em 23 gêneros, sendo *Eugenia* o gênero com maior riqueza de espécies (58 spp.).

Wagner (2016) realizou um levantamento da flora de Myrtaceae no Parque Nacional de São Joaquim, Santa Catarina, com predominância de Floresta Ombrófila Mista, e em seu trabalho encontrou 16 espécies, distribuídas em 7 gêneros, sendo o gênero *Myrceugenia* Berg. o que apresentou a maior riqueza na região (9 spp.). João Rodrigues de Mattos fez contribuições importantes para a Flora de Santa Catarina, especialmente em Myrtaceae, através da revista *Loefgrenia*. Lima (2010) realizou um estudo sobre as espécies de Myrtaceae ocorrentes nas áreas de planície da Ilha do Mel, Paraná, onde predomina a vegetação de restinga e de Floresta Ombrófila Densa, e constatou a ocorrência de 33 espécies de mirtáceas, sendo o gênero *Myrcia* o que apresentou maior riqueza de espécies (13 spp.) seguido por *Eugenia* (8 spp.). Para o estado do Rio Grande do Sul, Marcos Sobral, renomado mirtólogo brasileiro, publicou o livro “A família das Myrtaceae no Rio Grande do Sul”, no ano de 2003, contendo chaves de identificação e descrições morfológicas para dezenas de espécies.

De acordo com o banco de dados do SpeciesLink (2018), antes da realização deste estudo, foram registradas 34 coletas de Myrtaceae no Parque Municipal da Lagoa do Peri (PMLP), referentes a 13 espécies,

distribuídas em 6 gêneros. Alguns estudos botânicos generalistas já foram realizados dentro da área do Parque. Giraldi e Hanazaki (2010) realizaram um estudo sobre o uso de plantas medicinais do Sertão do Ribeirão (local pertencente aos limites do PMLP), o qual possibilitou conhecer a população residente desta região, espécies de plantas ocorrentes no local e de que forma a população as utilizam em benefício de sua própria saúde e tradições. Begnini (2008) aprofundou os estudos sobre a espécie *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (Jerivá) pertencente à família Arecaceae, e interações com a fauna, na área do PMLP. Outras pesquisas foram realizadas visando aprofundar os conhecimentos sobre a fauna, caracterização e parâmetros de qualidade da água, serviços ecossistêmicos oferecidos pelo Parque, entre outros assuntos (e.g., densidade de macrófitas da família Cyperaceae, estudos acerca da comunidade ictiológica da lagoa).

O levantamento florístico é uma importante ferramenta que visa identificar as espécies ocorrentes em determinada área, sendo uma etapa essencial para o conhecimento de um ecossistema (GUEDES-BRUNI et al. 1997). Devido à escassez de informações acerca da diversidade de Myrtaceae na região, da sua expressiva diversidade na Mata Atlântica e a sua importância ecológica e econômica, torna-se relevante a realização de um levantamento florístico deste táxon na área do PMLP, a fim de aprofundar os conhecimentos da biodiversidade local e auxiliar na conservação de espécies.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Ampliar os conhecimentos sobre a flora de Myrtaceae em Santa Catarina, por meio da realização de um levantamento florístico no Parque Municipal da Lagoa do Peri e da produção de um tratamento taxonômico.

2.2 Objetivos específicos

- Coletar todas as espécies da família Myrtaceae avistadas dentro do território do Parque Municipal da Lagoa do Peri;
- Identificar e descrever todas as espécies coletadas;
- Enriquecer a coleção do herbário FLOR e outros herbários;
- Avaliar a ocorrência de espécies raras e/ou ameaçadas de extinção;
- Avaliar a ocorrência de novos registros para o Estado de Santa Catarina.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Área de estudo

Inserida em um dos últimos remanescentes de Floresta Atlântica da região, a Lagoa do Peri é o maior corpo hídrico de água doce da Ilha de Santa Catarina (SILVA, 2000). Como ilustrado na Figura 1, a Lagoa localiza-se na porção insular do município de Florianópolis, mais especificamente na região sudeste da ilha, entre as coordenadas $27^{\circ}42'59''$ e $27^{\circ}46'45''$ S de latitude e $48^{\circ}30'33''$ e $48^{\circ}31'59''$ W de longitude (DECHOUM; ARELLANO, 2016).



Figura 1 – Mapa indicando a localização do Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, Santa Catarina.

De acordo com o sistema de Köeppen, o clima de Florianópolis é do tipo Cfa (mesotérmico úmido) com chuvas ocorrendo ao longo de todo o ano e com verões quentes, sem estação seca (SANTOS; SILVA, 1989). O PMLP compreende uma área de aproximadamente 20,3 km² e possui a mesma demarcação da Bacia Hidrográfica da Lagoa do Peri (DECHOUM; ARELLANO, 2016). Estima-se que a superfície da Lagoa do Peri seja de aproximadamente 5,2 km², e pode atingir até 11 m de profundidade (SANTOS; SILVA, 1989). Por suas águas serem consideradas de boa qualidade, a lagoa tornou-se uma importante fonte de abastecimento para a população da ilha. As vegetações que envolvem a Lagoa do Peri são a Floresta Ombrófila Densa e a vegetação típica de restinga, sendo que no passado, partes da floresta foram derrubadas para realizar atividades de agricultura (SILVA, 2000). É notável a presença de vegetação secundária na extensão da Bacia Hidrográfica da Lagoa do Peri. Áreas que antes eram ocupadas por lavouras encontram-se em processo de recuperação em diversos estágios de sucessão (SANTOS; SILVA, 1989).

De acordo com a Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (2017), o Parque Municipal da Lagoa do Peri (PMLP) foi fundado através da lei municipal 1.828/81, no ano de 1981, por ser uma área prioritária para a conservação. O território do Parque é classificado como Área de Preservação Permanente, destinado a fins científicos, culturais e recreativos. Atualmente o PMLP encontra-se dividido em três áreas de zoneamento: Área de Reserva Biológica, Área de Lazer e Área de Paisagem Cultural (DEPUC, 2011). O PMLP encontra-se em processo de recategorização, devido sua criação ser anterior à

reformulação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).



Figura 2: Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, 2017.

O Parque Municipal da Lagoa do Peri recebeu por dois anos consecutivos (2015/2016) a Bandeira Azul, importante certificação internacional atribuída a praias e marinas devido à qualidade da água, limpeza e qualidade dos serviços oferecidos (Bandeira Azul, 2017). O Parque, além de oferecer o serviço ecossistêmico de abastecimento de água, é uma importante área de preservação, que pode ser utilizada para pesquisa e para o lazer. Alguns eventos esportivos como travessias de natação são frequentes na Lagoa do Peri. O Parque conta com espaços para piqueniques, brinquedos para crianças, trilhas ecológicas, além de ser um local de interação entre a população e natureza. Dentro dos

limites do Parque existe o Projeto Lontra, desenvolvido pelo Instituto Ekko Brasil, organização não governamental fundada em 2004, cujos objetivos visam à conservação da biodiversidade (Instituto Ekko Brasil, 2004). A *Lontra longicaudis*, mamífero que habita as áreas do PMLP, é uma espécie de grande importância para a manutenção dos ecossistemas, e atualmente é classificada como “Quase Ameaçada” (NT) de acordo com a IUCN (RHEINGANTZ; TRINCA, 2015). Dessa forma, o Projeto Lontra auxilia na conservação da espécie e também contribui no trabalho de conscientização ambiental da população.

Atualmente o PMLP passa por um processo de recategorização, proposto pela FLORAM, para adequação perante o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. A proposta é que o local deixe de ser um Parque Municipal e torne-se um Monumento Natural.

3.2 Levantamento florístico e tratamento taxonômico

Para a realização do levantamento florístico foram executadas quatro expedições a campo para o Parque Municipal da Lagoa do Peri. As expedições ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2017, e março e outubro de 2018 (durante as estações primavera e verão), e tiveram como propósito coletar representantes de todas as espécies de Myrtaceae ocorrentes dentro dos limites do Parque.

As coletas seguiram as orientações contidas no Guia Prático de Métodos de Campo para Estudos da Flora (MOTA; PAULA; VIANA, 2014). Para as coletas dos espécimes utilizaram-se tesouras de poda, podão com haste (para espécies arbóreas) e os materiais coletados foram armazenados em uma prensa de campo. Todos os espécimes coletados

foram georreferenciados, fotografados e dados importantes como características organolépticas, cores das estruturas, características da casca, presença de polinizadores, etc. foram anotados na caderneta de campo. Além disso, foi registrado o tipo de vegetação: restinga e/ou Floresta Ombrófila Densa.

Para auxiliar no processo de identificação de espécies foi priorizada a coleta de materiais em estágio reprodutivo. Após a coleta, os materiais foram levados para o Laboratório de Sistemática Vegetal da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foram prensados e colocados na estufa para secagem. Para a identificação das espécies coletadas foram realizadas consultas aos tipos e protólogos. A Flora Ilustrada Catarinense (REITZ, 1967) foi utilizada para a identificação das espécies, assim como seus nomes populares. Os trabalhos “A família Myrtaceae na Ilha do Mel, Paranaguá, Estado do Paraná, Brasil” (LIMA; CADDAH; GOLDENBERG, 2015) e “A família das Myrtaceae no Rio Grande do Sul” (SOBRAL, 2003) também foram utilizados no processo de identificação das espécies.

Foram analisadas exsicatas de espécies de mirtáceas provenientes do PMLP, depositadas no herbário FLOR e empréstimos de exsicatas do herbário da FURB, herbários com as coleções mais representativas do PMPL. Para auxiliar na descrição das espécies foram utilizadas em alguns casos exsicatas provenientes de outras regiões do litoral de Florianópolis, indicadas como material adicional. Fotos de exsicatas na plataforma virtual Exsiccatae do Herbário Virtual da Flora e dos Fungos (INCT) também foram utilizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram registradas 25 espécies pertencentes à família Myrtaceae no PMLP, distribuídas em 7 gêneros distintos. Os gêneros *Eugenia* e *Myrcia* apresentaram a mesma riqueza de espécies (9 spp.) Foram encontradas duas espécies pertencentes aos gêneros *Psidium* L. e *Campomanesia* Ruiz & Pav. Os gêneros *Myrciaria* O. Berg., *Plinia* (Poir.) Govaerts e *Syzygium* P. Browne ex Gaertn. estão representados por uma espécie cada. É importante mencionar que foram avistados indivíduos do gênero exótico *Eucalyptus*, na área do Parque, porém estes não foram coletado devido à sua grande altura. Portanto, das 25 espécies encontradas no PMLP, 3 são exóticas. *Psidium guajava* e *Syzygium cumini* são espécies naturalizadas.

Tabela 1. Lista de espécies de Myrtaceae encontradas dentro da área do PMLP.

Espécie	Autor	Fitofisionomia
<i>Campomanesia littoralis</i>	D. Legrand	Restinga
<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	O. Berg	FOD
<i>Eugenia astringens</i>	Cambess.	Restinga
<i>Eugenia bacopari</i>	D. Legrand	FOD
<i>Eugenia brevistyla</i>	D. Legrand	FOD
<i>Eugenia brasiliensis</i>	Lam.	FOD
<i>Eugenia catharinae</i>	O. Berg.	Restinga
<i>Eugenia involucrata</i>	DC.	FOD
<i>Eugenia pluriflora</i>	DC.	FOD
<i>Eugenia stigmata</i>	DC.	FOD
<i>Eugenia uniflora</i>	L.	FOD/Restinga
<i>Myrcia brasiliensis</i>	O. Berg.	FOD

<i>Myrcia ferruginosa</i>	Mazine.	FOD
<i>Myrcia hartwegiana</i>	(O.Berg) Kiaersk	Restinga
<i>Myrcia hatsbaschii</i>	D. Legrand	FOD
<i>Myrcia multiflora</i>	(Lam.) DC.	Restinga
<i>Myrcia neolucida</i>	A.R. Lourenço & E. Lucas	FOD
<i>Myrcia palustris</i>	DC.	FOD
<i>Myrcia pubipetala</i>	Miq.	FOD
<i>Myrcia splendens</i>	(Sw.) DC	Restinga
<i>Myrciaria pliniooides</i>	D. Legrand	FOD
<i>Plinia peruviana</i>	(Poir) Govaerts	FOD
<i>Psidium cattleianum</i>	Sabine	FOD
<i>Psidium guajava</i>	L.	FOD
<i>Syzygium cummini</i>	(L.) Skeels	FOD

Eugenia destacou-se como um dos gêneros mais ricos. Esses resultados vão ao encontro dos dados trazidos pela Flora do Brasil 2020, que indicam alta expressividade de *Eugenia* no bioma Mata Atlântica (261 spp.). De acordo com o BFG (2015), o gênero *Eugenia* ocupava o primeiro lugar dentre os gêneros com maior riqueza, compreendendo 387 espécies no país. Em Santa Catarina ocorrem 64 espécies de *Eugenia* (Flora do Brasil 2020, em construção).

O gênero *Myrcia* é representado no Brasil por 402 espécies (WCSP, 2019). Lima, com.pess. (2019) afirmou que *Myrcia* atualmente é o gênero mais rico do Brasil, ultrapassando *Eugenia*, após a incorporação de algumas espécies de *Calypttranthes* e *Marlierea* que foram sinonimizadas. O gênero possui ampla distribuição em todas as regiões brasileiras com destaque para o Sudeste. O sul é a região que

possui o menor número de espécies até o momento (53 spp.). Em Santa Catarina ocorrem 40 espécies (Flora do Brasil 2020, em construção).

Campomanesia, gênero representado por duas espécies no PMLP, possui um total de 39 espécies no Brasil, dos quais 29 são endêmicos, e apresenta maior riqueza no bioma da Mata Atlântica (33 spp.), principalmente na região sudeste. Em Santa Catarina ocorrem 8 espécies (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção).

O gênero *Plinia* possui 33 espécies, das quais 23 são encontradas no Sudeste. A espécie distribui-se principalmente no bioma da Mata Atlântica, mas também possui representantes na Caatinga e no Cerrado. *Plinia* não possui uma expressividade alta nas outras regiões. A região Centro-Oeste, apresenta registro para apenas uma espécie. No Estado de Santa Catarina há registro para 5 espécies. (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção).

Myrciaria possui 22 espécies no Brasil e 6 ocorrem em Santa Catarina. *Psidium* possui 68 espécies, distribuídas em todos os biomas, com exceção dos Pampas. Sua maior riqueza concentra-se no bioma da Mata Atlântica (42 spp.). Em Santa Catarina ocorrem 8 espécies de *Psidium* (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). *Syzygium* possui apenas 3 espécies no Brasil, 2 delas exóticas naturalizadas e uma nativa (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção).

5. MYRTACEAE

Myrtaceae Juss., Gen. Pl. 322. 1789

Árvores, arbustos ou subarbustos. Folhas simples, opostas ou alternas, com margens inteiras e normalmente apresentam uma nervura marginal. Plantas sem estípulas, ou estas se apresentam diminutas. Plantas glabras ou pubescentes; tricomas simples ou dibráquiados. Comumente apresentam glândulas oleíferas translúcidas nas lâminas foliares e flores. Inflorescências axilares ou terminais, panículas, glomérulos, fascículos, racemos, dicásios ou flores isoladas; flores bissexuais na maioria das espécies; cálice fechado no botão floral ou abrindo-se em caliptra; corola 4-5 (raro ausente); pétalas brancas (raramente vermelhas ou róseas); duas bractéolas; hipanto prolongado ou não acima do ovário; ovário ínfero ou semi-ínfero; placentação axilar; estames livres e numerosos; semente 1-numerosas; frutos tipo baya (Adaptado de Landrum & Kawasaki 1997 e Wilson 2011).

Chave de Identificação para as espécies de Myrtaceae no PMLP

1. Inflorescências do tipo panícula
 2. Cálice fechado nos botões florais. Na antese, rompem-se transversalmente em forma de caliptra..... *Myrcia neolucida*
 - 2.' Cálice aberto ou fechado no botão floral, mas abrindo-se irregularmente...3
 3. Flores sésseis.....*Syzygium cumini*
 - 3.' Flores pediceladas.....4
 4. Ovário trilocular..... *Myrcia pubipetala*
 - 4'. Ovário bilocular.....5
 5. Plantas recobertas por tricomas ferrugíneos.....6

6. Lâmina foliar oval a oblonga; 9,5-16.5 cm de compr.; pecíolo 9,5-18 mm de compr.; cálice gamossépalo.....*Myrcia ferruginosa*
- 6.' Lâmina foliar elíptica a oblonga; 3,5-5,5 cm de compr.; pecíolo 4,7-7,5 mm de compr.....*Myrcia hatschbachii*
- 5.' Plantas recobertas por tricomas alvos.....7
7. Lâmina foliar até 4,5 cm de compr;.....8
8. Lâmina foliar elíptica; ápice agudo a obtuso e base aguda; panículas 1-2 cm de compr.....*Myrcia palustris*
- 8.' Lâmina foliar oval a obovada; Ápice obtuso e base obtusa; panículas 2-4,5 mm de compr.....*Myrcia hartwegiana*
- 7.' Lâmina foliar podendo ultrapassar 5 cm de compr.....9
9. Lâmina foliar lanceolada a elíptica 2,8-8,5 cm de compr..... *Myrcia splendens*
- 9.' Lâmina foliar elíptica ou de outras formas.....10
10. Lâmina foliar elíptica, 2-5.5 cm de compr; pecíolos 1,8-5,4 mm de compr.; duas nervuras marginais; panículas 20-30 mm de compr.....*Myrcia multiflora*
- 10.' Lâmina foliar oval a oblonga 3,5-7,7 cm de compr.; pecíolos 2,5-4 mm de compr.; duas nervuras marginais; panículas 65-90 mm de compr.....*Myrcia brasiliensis*
- 1.' Flores solitárias ou outros tipos de inflorescências
11. Flores sésseis.....12
12. Frutos oblongos.....*Eugenia bacopari*
- 12.' Frutos globoso.....13
13. Ramos e lâmina foliar densamente recobertos por tricomas; nervuras secundárias pouco visíveis; uma nervura marginal.....*Myrciaria plinioides*
- 13.' Tricomas esparsos nos pecíolos e junto à nervura principal; nervuras secundárias bem marcadas em ambas as faces; duas nervuras marginais.....*Plinia peruviana*

- 11.' Flores pediceladas.....14
14. Ovário com 6 ou mais lóculos.....15
15. Lâmina foliar oval; 3-5 cm de compr. Planta glabra. Pedicelo 1,5-3 cm de compr. Ovário 8-locular.....*Campomanesia littoralis*
- 15.' Lâmina oval a oblonga, 6,5-11 cm de compr. Folhas e pecíolos glabros. Ovário 6-locular.....*Campomanesia xanthocarpa*
- 14.' Ovário 2-5 lóculos.....16
16. Flores pentâmeras; ovário 3-5 locular.....17
17. Ovário 3-locular. Planta glabra em toda sua extensão. Lâmina foliar obovada; 5-11 cm de compr. Ápice cuspidado a obtuso e base atenuada. Pecíolo 6-20 mm de compr.,.....*Psidium cattleianum*
- 17.'Ovário 4-5 locular. Folhas glabras, mas pétalas e pedicelos recobertos por alvos tricomas. Lâminas obovada a elíptica; 5-12 cm de compr. Ápice obtuso a retuso e base obtusa. Pecíolo 5-8 mm de compr..... *Psidium guajava*
- 16.' Flores tetrâmeras; ovário bilocular.....18
18. Inflorescência disposta em fascículos.....19
19. Pecíolos de até 3,5 mm de compr.....20
20. Lâmina foliar obovada; 2,5-4,5 cm de compr. Folhas rígidas com glândulas translúcidas aparentes; pecíolos 1-3,5 cm de compr..... *Eugenia catharinae*
- 20.' Lâmina foliar oval a oblonga; 3-5,8 mm de compr; coriácea; pecíolo 1,7-3,5 mm de compr..... *Eugenia pluriflora*
- 19'. Pecíolos até 11 mm de compr.....21
21. Lâmina foliar oval; 4-8 cm de compr. Pecíolos 6-11 mm de compr. Sépalas triangulares ou arredondadas, diminutas em comparação com as pétalas; planta glabra.....*Eugenia astringens*
- 21.' Lâmina foliar elíptica a oblonga; 6-10 cm de compr. Pecíolos 3,1-11,7 mm de compr; bractéolas persistentes 1-3 mm de compr. planta com tricomas.....*Eugenia brevistyla*

- 18' Flores solitárias.....22
22. Pedicelos < 20 mm de compr.....23
23. Lâmina foliar 4-8 cm de compr., com muitas glândulas translúcidas aparentes; pecíolos 3-6,5 mm de compr. folhas glabras.....*Eugenia stigmatorosa*
- 23'. Lâmina foliar ,2-5,8 cm de compr., recoberta por tricomas em ambas as faces; pecíolos 1,5-4,5 mm de compr.....*Eugenia involucrata*
- 22' Pedicelos > 20 mm de compr.....24
24. Catáfilos recobertos por tricomas presentes na base das flores. Frutos, lisos; sépalos persistentes.....*Eugenia brasiliensis*
- 24.'Catáfilos ausentes na base das flores. Frutos costados longitudinalmente.....*Eugenia uniflora*

5.1 *Campomanesia littoralis* D. Legrand Sellowia 13: 335. 1961

Nome popular: Guabiroba, guabiroba da praia. Fig.3 (B)

Descrição morfológica: Arbusto ou arvoreta até 3 m de alt. Planta glabra em toda a sua extensão. Folhas com pecíolos 4-10,5 mm de compr.; lâmina 3-5,5 x 2-3,5 cm, membranácea a cartácea, oval, ápice cuspidado e base acunhada. Margem inteira, com aspecto bastante ondulado, nervura central impressa na face adaxial e saliente na face abaxial. Uma nervura marginal. Flores solitárias, axilares, pedicelos 15-30 mm de compr.; bractéolas 4-6 x 0,7-1,8 mm, sépalas iguais, 2-3,10 x 2.6-3,5 mm, pétalas 6-7,5 x 3,4-5,5 mm. Botão floral 3,9-5 mm de diâmetro. Ovário 8-locular. Frutos globosos 6-8,8 mm de compr.

Material examinado: 01.XII.2017 (fl.) (fr.) *Caddah, M.K. 1052* (FLOR).

Material adicional: Florianópolis: Lagoinha Pequena, Rio Tavares, 09.XI.2011 (fl.), *Nuernberg, A. 420* (FLOR).

Distribuição e comentários: *Campomanesia littoralis* é uma espécie nativa e endêmica do Brasil, e exclusiva do bioma Mata Atlântica, distribuída em áreas de vegetação de restinga. Possui ocorrência registrada apenas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Pecíolos longos é característica que chama atenção para a espécie, assim como as margens foliares bastante onduladas. Flores são pentâmeras. Frutos imaturos são verdes e amarelos quando atingem a maturidade. As sépalas são persistentes no fruto e as bractéolas são bem visíveis a olho nu. No Parque Municipal da Lagoa do Peri, a espécie foi coletada em área de vegetação de restinga e apresentava flores e frutos. Alguns autores consideram *C. littoralis* como uma das variedades de *C. xanthocarpa*. Porém, devido a algumas diferenças morfológicas marcantes (e.g. tamanho das lâminas, presença de tricomas) e principalmente em relação ao habitat, consideramos, assim como a Flora do Brasil 2020 em Construção, que *C. littoralis* e *C. xanthocarpa* são espécies distintas.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto á ameaça.

5.2 *Campomanesia xanthocarpa* (Mart) O. Berg. Flora Brasiliensis 14(1): 451. 1857. Fig. 3 (A, D).

Nome popular: Guabiroba.

Descrição morfológica: Árvores até 10 m de alt. Folha e pecíolos glabros; ramos novos, pedicelos, pétalas, hipanto e bractéolas recobertos por tricomas. Folhas com pecíolos 3,5-7 mm de compr.; lâmina 6,5-11 x 2,5-5 cm, membranácea a cartácea, ovada-oblonga, ápice cuspidado e base obtusa. Margem inteira, com aspecto bastante ondulado, nervura

central e nervuras secundárias impressas na face adaxiais e salientes na face abaxial. Uma nervura marginal. Flores pentâmeras, solitárias e axilares; pedicelos 7-15 mm de compr.; bractéolas 2-4 x 1-1,5 mm; sépalas triangulares, iguais, 2-7 x 3-4 mm, pétalas 3-5,5 x 2-3 mm. Ovário 6-locular. Frutos globosos, com sépalas persistentes.

Material examinado: Projeto Lontra, Lagoa do Peri, 06. X. 2018 (fl.) (fr.), *V.F.Pellis* 8 (FLOR). Lagoa do Peri, 16. VI. 2014, *L.A. Funez* 2532 (FURB).

Distribuição e comentários: *Campomanesia xanthocarpa* é uma espécie nativa do Brasil, no entanto, não é endêmica do país. Tem ocorrências confirmadas em todas as regiões brasileiras com exceção do Norte (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Semelhante a *C. littoralis* (ver comentários em *C. littoralis*), suas folhas possuem margens onduladas, característica que é bastante marcante. Suas flores possuem cinco pétalas que apresentam glândulas oleíferas alaranjadas muito visíveis na lupa. Seus frutos possuem potencial econômico e são muito apreciados pela população. Sua madeira é utilizada para diversos fins, dentre eles a confecção de instrumentos musicais (KLEIN; LEGRAND, 1969). No Parque Municipal da Lagoa do Peri, *C. xanthocarpa* foi coletada em área de Floresta Ombrófila Densa. Espécime e apresentava flores e frutos maduros.

Status de conservação: A espécie encontra-se avaliada na categoria Pouco Preocupante, de acordo com o Centro Nacional de Conservação da Flora (2013).

5.3 *Eugenia astringens* Cambess. Flora Brasiliae Meridionalis (quarto ed.) 2(20): 361. 1829[1833]. (3 Aug 1833) Fig. 4 (E)

Nome popular: Guapê, Guamirim.

Descrição morfológica: Arbusto ou árvore de até 10 m alt. Planta glabra em toda sua extensão. Folhas com pecíolos 6,5-11,5 mm de compr.; lâmina 4,2-8 x 2-4 cm, coriácea, oval, raro elíptica, ápice acuminado-cuspidado e base atenuada. Margem inteira, nervura central plana na face adaxial e saliente na face abaxial. Uma nervura marginal. Inflorescências dispostas em fascículos axilares; pedicelos 2,5-8 mm compr.; bractéolas não vistas; sépalas iguais, 7-10 x 9-13 mm; pétalas 30-46 x 27-30,5 mm; botões florais pequenos e globosos, 2-4 mm de compr.; estilete 4,8-6,5 mm de compr. Ovário bilocular. Frutos não vistos.

Material examinado: Trilha da Gurita, Lagoa do Peri, 18. III. 2018 (fl.), *V.F.Pellis*, 7 (FLOR); Lagoa do Peri, 10.III.2019 (fl.) (bot.) *Stival-Santos* 1919 (FURB).

Material adicional: Pontal da Daniela, Ilha de Santa Catarina. 07.VI.1988, *M.L.Souza* 924 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia astringens*, espécie endêmica do Brasil, é encontrada no bioma Mata Atlântica e sua distribuição ocorre do litoral da Bahia até o Estado de Santa Catarina (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Floresce nos meses de fevereiro, março e abril. Frutos comestíveis maduros de julho até outubro (LEGRAND; KLEIN, 1969). No PMLP a espécie foi coletada na vegetação de restinga. Suas folhas largas e inflorescências fasciculadas chamam atenção e auxiliam para o reconhecimento da espécie. As sépalas podem ser triangulares ou arredondadas, e são diminutas em

comparação às pétalas; estiletos longos destacam-se visualmente. Espécime coletado no mês de março apresentava flores e botões florais. A espécie é característica de restinga litorânea e possui alta expressividade no litoral de Santa Catarina (LEGRAND; KLEIN, 1969).

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.4 *Eugenia bacopari* D. Legrand, Sellowia 13: 317. 1961.

Nome popular: Ingabaú

Descrição morfológica: Árvore ou arvoreta de até 15 m de altura. Ramos novos recobertos por tricomas, assim como o hipanto e a face abaxial das folhas jovens. Folhas com pecíolos 4-7 mm de compr.; lâminas 8,5-11 x 3,5-4,5 cm, cartácea a coriácea, oblonga, raro elíptica, ápice acuminado, raro agudo e base atenuada à obtusa. Margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial e saliente na face abaxial; nervuras secundárias apresentam-se salientes; duas nervuras marginais, também salientes. Inflorescências em glomérulos, axilares e sésseis; bractéolas não vistas, sépalas desiguais 1,5-2,7 x 0,9-1,6 mm, pétalas 2-4 x 1-1,5 mm. Estilete 4-7 mm de compr. Ovário bilocular. Fruto oblongo, 1,3-1,5 cm de compr.

Material examinado: Parque Municipal da Lagoa do Peri, 10.III.2010 (fr.), *Stival-Santos, A.; Legal, E. & Silveira, S.* 1940 (FURB).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Siderópolis: Vila São Jorge, 25.I.2010, *Verdi, M.* 3205 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia bacopari* é endêmica do Brasil e ocorre de São Paulo ao Rio Grande do Sul, no domínio da Mata Atlântica (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Segundo

Legrand e Klein (1977) a espécie floresce de dezembro a março, e seus frutos atingem a maturidade de maio a setembro. Uma das características marcantes desta espécie são os 7-10 pares de nervuras secundárias salientes na face abaxial das folhas. A espécie desenvolve-se bem nas matas primárias, bem com nas encostas suaves. Espécie de rara ocorrência na restinga (LEGRAND; KLEIN, 1977). No PMLP foi coletada no mês de março contendo frutos imaturos, em área de Floresta Ombrófila Densa.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.5 *Eugenia brasiliensis* Lam, Encyclopédie Méthodique, Botanique 3: 203. 1789. Fig.4 (A) e Fig.3 (F)

Nome popular: Grumixama.

Descrição morfológica: Arbusto ou árvore de até 15m. Planta glabra, com exceção das flores, pedicelos e catáfilos que eventualmente podem apresentar tricomas. Folhas com pecíolos 5-10 mm de compr.; lâmina 5-12 x 1,9-5 cm, coriácea, obovadas ou oblongas, ápice obtuso-acuminado e base atenuada. Nervura central impressa na face adaxial e saliente na face abaxial; uma nervura marginal. Flores solitárias e axilares; pedicelos longos 13-36 mm; brácteas 9-23 x 2-4 mm; bractéolas 0,7-1,5 x 0,2-0,3 mm. Catáfilos recobertos por tricomas, presentes nas bases das inflorescências. Ovário liso e bilocular. Fruto globoso de coloração roxa.

Material examinado: Lagoa do Peri, 1.XII.2017 (fl.), *Caddah*, *M.K.* 1052 (FLOR); Parque Municipal da Lagoa do Peri, 21.IX.2018 (fl.), *Pellis*, *V.F.* 17 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia brasiliensis* é uma espécie nativa e endêmica do Brasil. Possui ocorrência registrada na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Floresce nos meses de setembro, outubro e novembro. Frutos maduros em novembro e dezembro (LEGRAND; KLEIN, 1969). Pedicelos longos chamam atenção. Espécie frequentemente cultivada, frutos comestíveis e bastante apreciados pela população. Apresenta brácteas persistentes de coloração avermelhada e catáfilos secos na base das flores. Catáfilos são estruturas mais raras nos trópicos. As pétalas possuem glândulas bastante visíveis na lupa.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.6 *Eugenia brevistyla* D. Legrand, Flora Ilustrada Catarinense 1 (Mirt–Supl. 1): 16–22, f. 6. 1977. Fig. 4 (C)

Nome popular: Guaramim

Descrição morfológica: Árvores de até 15 m de altura. Tricomas presentes nos ramos jovens, hipanto, pedicelo e face abaxial das folhas. Folhas com pecíolos de 3,1-11,7 mm compr.; lâmina 6-9,8 x 2,7-3,7 cm, cartácea, elíptica a oblonga, ápice agudo-acuminado e base acunheada. Nervura central sulcada na face adaxial e saliente na face abaxial; nervuras secundárias bem marcadas; duas nervuras marginais. Inflorescência em fascículos; bractéolas persistentes de 1,2-2,8 x 0,7-1,5 mm; pedicelos 5-21 mm de compr.; sépalas iguais, côncavas 2,2-3,4 x 1,15-2 mm; botões florais 3,6-4,5 mm de compr. Ovário bilocular. Frutos não vistos.

Material examinado: Caminho do Guarani, Lagoa do Peri, 6.X.2018 (fl.) (bot.), *Pellis, V.F*, 21 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Ilha do Campeche, Caminho da Piteira, 08.X.1983, *Silva Filho, F.A. da* 93 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia brevistyla* é nativa e endêmica do Brasil, tendo ocorrências registradas em todos os Estados da região Sul, e apenas em São Paulo na região Sudeste (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie floresce nos meses de outubro, novembro e dezembro. A época de sua frutificação ainda é desconhecida no Estado de Santa Catarina (LEGRAND; KLEIN, 1977). Inflorescências relativamente grandes, em fascículos, chamam atenção para a espécie.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.7 *Eugenia catharinae* O. Berg, Flora Brasiliensis 14(1): 259. 1857.

Fig. 4 (B)

Nome popular: Guamirim

Descrição morfológica: Arbusto 2-4 m de alt. Planta glabra em toda a sua extensão. Folhas com pecíolos reduzidos 1-3,6 mm de compr.; lâmina 2,5-4,5 x 1,5-3 cm, coriáceas, obovadas, ápice arredondado a obtuso e base acunhada. Nervura central impressa em ambas às faces; uma nervura marginal; Inflorescência em fascículos, pedicelos 1,5-3,5 mm compr.; sépalas diminutas e persistentes 0,7-1,2 mm compr.; bractéolas 0,6 - 0,85 mm. Ovário bilocular. Frutos globosos.

Material examinado: Lagoa do Peri, 06.X.2018 (fr.), *Pellis, V.F*. 20 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Parque Estadual do Rio Vermelho, 19.II.2013, Nurenberg, A. 956 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia catharinae* é endêmica do Brasil. Possui ocorrências registradas em dois Estados da região Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro) e apenas em Santa Catarina na região Sul (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é característica da vegetação de restinga arbustiva litorânea (LEGRAND; KLEIN, 1969; BINFARÉ, 2016). No PMLP a espécie foi coletada na vegetação de restinga, próxima à praia do Morro das Pedras, no mês de outubro e apresentava frutos verdes e imaturos. Folhas e bractéolas arredondadas, pecíolos curtos e glândulas translúcidas bem visíveis a olho nu são características marcantes da espécie. Os frutos globosos quando maduros apresentam coloração roxo-escuro (BINFARÉ, 2016). *E. catharinae* possui semelhanças com *E. pluriflora*, principalmente no que concerne às particularidades foliares e distinguem-se principalmente pelo curto pecíolo, nervuras marginais evidentes e habitat (LEGRAND; KLEIN, 1969).

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.8 *Eugenia involucrata* DC. Prodr. Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 3: 264. 1828. Fig. 4 (D)

Nome popular: Cerejeira-do-mato

Descrição morfológica: Arvoreta ou árvore de até 15 m de alt. Caule descamante de coloração acinzentada. Tricomas alvos presentes no hipanto, pecíolos, pedicelos e em ambas às faces da lâmina foliar. Folhas com pecíolos 1,5-4,5 mm de compr.; lâmina 2-5,8 x 1,2-3,6 cm, membranácea a cartácea, elíptica, ápice acuminado e base atenuada.

Nervura central sulcada na face adaxial e saliente na outra face. Uma nervura marginal. Flores solitárias e axilares; bractéolas não vistas; pedicelos 10-18 mm de compr. Sépalas iguais 5,5-7 mm de compr.; pétalas 6-7,11x 5-6,8 cm; Ovário bilocular; Fruto elipsoide.

Material examinado: Parque Municipal da Lagoa do Peri, Projeto Lontra, 6.X.2018 (fl.), *Pellis, V.F.*, 17 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Ituporanga, 24.I.2018 (fr.), *Kassner, A.* 1792 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia involucrata* é nativa do Brasil. Possui ampla distribuição e está presente em todas as regiões brasileiras, com exceção do Norte. Sua distribuição abrange os biomas da Mata Atlântica e do Cerrado. Na região Nordeste, a espécie é encontrada apenas na Bahia (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é conhecida popularmente como cerejeira-do-mato, devido às características de seu fruto. Suas lâminas foliares apresentam glândulas oleíferas muito visíveis a olho nu na face abaxial. As pétalas possuem coloração branca e formato arredondado, enquanto as sépalas são verdes e possuem formato triangular. Ambas também possuem glândulas que chamam atenção. No PMLP, a espécie foi coletada com muitas flores no mês de outubro, e durante a coletada foi observada a polinização por abelhas pretas.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.9 *Eugenia pluriflora* DC. Prodrromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 3: 270. 1828.

Nome popular: Jabuticaba-do-campo

Descrição morfológica: Arbusto ou árvore de pequeno porte, até 6 m alt. Planta glabra em toda sua extensão. Caule geralmente descamante e tortuoso. Folhas com pecíolos 1,7-3,5 mm de compr.; lâmina 2,9-5,8 x 2,2-3 cm, coriácea, oval-oblonga, ápice obtuso e base aguda. Nervura central sulcada na face adaxial. Duas nervuras marginais. Inflorescência em fascículos; bractéolas não vistas; sépalas verdes e arredondadas; pedicelos 2,3-4,5 mm compr. Fruto globoso.

Material examinado: Parque Municipal da Lagoa do Peri, 10.III.2010 (fl.), *Cadorin, T.J.; Grosch, B. & Zimmermann, R.* 1645 (FURB);

Material adicional: Pântano do Sul, 17.III.1971, *Bresolin, A.* 209 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia pluriflora* é uma espécie endêmica do Brasil. Possui ocorrência registrada em todos os Estados das regiões Sul e Sudeste, e no Nordeste ocorre apenas na Bahia (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção*). No PMLP a espécie foi coletada na vegetação de restinga, no mês de março e apresentava apenas flores. De acordo com Legrand e Klein (1969) a espécie floresce de dezembro a março, e os frutos maduros ocorrem de outubro a janeiro. A espécie assemelha-se com *E. catharinae*, principalmente no que concerne ao formato das folhas (ver *E. catharinae*).

Status de conservação: Espécie classificada na categoria LC (Pouco Preocupante) de acordo com os critérios do CNC Flora (2012).

5.10 *Eugenia stigmata* DC. Prodrômus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 3: 268. 1828. Fig. 3 (C, E)

Nome popular: Guamirim

Descrição morfológica: Arbustos ou arvoretas de até 6m; caule fino e pouco descamante. Plantas glabras em toda sua extensão. Folhas com pecíolos 3-6,4 mm compr.; lâmina 4-7,7 x 1,70-4 cm, cartácea, forma elíptica, ápice cuspidado e base atenuada. Margem inteira; nervura central plana na face adaxial e saliente na face abaxial; uma nervura marginal. Flores axilares, isoladas ou agrupadas; pedicelos 0,5-1,8 cm. Pétalas brancas e côncavas, sépalas verdes e triangulares; deiscência das anteras é do tipo rimosa. Ovário bilocular.

Material examinado: Caminho do Guarani, Lagoa do Peri, 01.XI.2017 (fl.), V.F. *Pellis* 2 (FLOR); 28.X.2014 (fr.), L.A. *Funez* 3611 (FURB);

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Caminho do Morro da Lagoa do Peri, 19.X.1979, A. *Bressolin* 1354 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Eugenia stigmata* é endêmica do Brasil. Há registro de sua ocorrência para regiões Nordeste, Sudeste e Sul, mais especificamente nos Estados da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). Seu limite austral de ocorrência é a Serra do Tabuleiro/SC (LEGRAND; KLEIN, 1969). Floresce nos meses de julho, agosto, setembro e outubro. Os frutos maduros ocorrem de outubro a dezembro. Ocorre preferencialmente em solos úmidos e com alta incidência solar (LEGRAND; KLEIN, 1969). No PMLP foi coletada com flores no mês de novembro, em área de Floresta Ombrófila Densa. A característica

mais marcante dessa espécie são glândulas muito visíveis a olho nu, presentes em ambas as faces da folha, e também nas pétalas, sépalas e frutos.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.11 *Eugenia uniflora* L. Species Plantarum 1: 470–471. 1753.

Nome popular: Pitanga Fig. 4 (F)

Descrição morfológica: Arbustos ou arvoretas de até 12m de altura. Caule fino e pouco descamante. Planta glabra em toda sua extensão. Folhas com pecíolos 1,8-4 mm de compr.; lâmina 2,5-5,8 x 1,9x3,2 cm, cartácea, ovada a elíptica, ápice cuspidado e base acunheada. Nervura central plana na face adaxial e saliente na face abaxial. Flores solitárias, pedicelos 13-35 mm compr.; bractéolas não vistas; sépalas iguais 1,7-2.3 x 0,7-1,4 mm; pétalas 4,1-7,5 x 2,2-4,2 mm. Estilete 3,8-4.20mm. Ovário bilocular e costado longitudinalmente. Frutos globosos e costados.

Material examinado: Lagoa do Peri, 01.XI.2017, V.F. Pellis (fl.), 3 (FLOR). 16.VI.2014 (fr.), L.A. Funez 2557, (FURB).

Distribuição e comentários: *Eugenia uniflora* é uma espécie nativa, porém não é endêmica do Brasil. Possui registro para quase todas as regiões brasileiras, com exceção da região Norte. No entanto, é bem distribuída apenas nas regiões Sul e Sudeste. A região Nordeste só possui registro no Estado da Bahia, e o Centro Oeste apenas no Mato Grosso do Sul (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é bastante comum no domínio fitogeográfico da Mata Atlântica. Suas flores possuem pétalas côncavas e brancas, sépalas persistentes de coloração verde e estames amarelos. Perfume adocicado. No PMLP E.

uniflora foi coletada em vegetação de restinga e Floresta Ombrófila Densa e apresentava apenas flores. Pecíolos geralmente são bem curtos. Folhas semidecíduais; floresce nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro. Frutos maduros: outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro (LEGRAND; KLEIN, 1969).

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.12 *Myrcia brasiliensis* Kiaersk. Enumeratio Myrtacearum
Brasiliensium 102. 1893. Fig. 5 (C e D)

Nome popular: Guamirim

Descrição morfológica: Árvores com até 20 m de altura. Tricomas de coloração branca recobrem densamente os frutos e pecíolos, e são esparsos nas lâminas foliares. Folhas com pecíolos 2,5-4 mm de compr.; lâmina 3,5x7,7 x 1,9-3,6 cm, elíptica a obovada, ápice agudo, raro obtuso e base acunhada. Margem inteiras, nervura central saliente na face abaxial e sulcada na face adaxial; duas nervuras marginais. Inflorescência do tipo panículas, axilares 65-90 mm de compr.; bractéolas não vistas; pedicelos 1,6-4,3 mm de compr.; sépalas iguais, 1,2-1,7 x 2,1-3,3 mm; pétalas 3,9-4,5 x 2,9-3,5 mm. Estilete 3,2-6,5 mm de compr. Ovário liso e bilocular. Frutos globosos 5,5-8,5 mm compr.

Material examinado: Trilha da Gurita, Lagoa do Peri, 18.III.2018 (fr.), *Pellis, V.F.* 4 (FLOR).

Material adicional: Parque Estadual do Rio Vermelho, 07.XII.2012, *Nuernberg, A.* 896.

Distribuição e comentários: Espécie nativa e endêmica do Brasil, ocorrente nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Caule pouco descamante. Floresce nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro; frutos maduros de

março a outubro (LEGRAND; KLEIN, 1969). Tricomas simples e de coloração branca são muito densos nos frutos e pecíolos, porém são esparsos nas folhas. As sépalas são permanentes. No PMLP a espécie foi encontrada em área de vegetação de Floresta Ombrófila Densa e apresentava frutos verdes.

5.13 *Myrcia ferruginosa* Mazine. Phytotaxa 173(1): 98. 2014.

Nome popular: Guamirim-chorão

Descrição morfológica: Árvores ou arvoretas de até 20 m de alt. Ramos, pecíolos, inflorescências e face abaxial das folhas recobertas por pilosidade avermelhada. Folhas com pecíolos 9,5-18 mm de compr.; lâmina 9,5-16,5 x 6-8 cm, elíptica, raramente oval-oblonga, ápice cuspidado, raro obtuso e base atenuada; cartáceas. Margem inteira. Nervura central impressa na face adaxial e saliente na face abaxial; uma nervura marginal. Inflorescências do tipo panícula, de até 9,5 cm de compr.; pedicelos 3,5-6,5 mm de compr.; sépalas iguais 1,7-2,33 mm de compr., e pétalas 1,15-2 x 1,7-2,5 mm; brácteas e bractéolas ausentes. Botão floral globoso, 2,4-3,2 mm. Ovário bilocular.

Material examinado: Lagoa do Peri, 19.XII.1979 (fl.) (bot.), *Bresolin*, A. 1396, (FLOR).

Material adicional: Morro do Ribeirão, 16.I.1967 (fl.), *Klein*, R.M. 7061, (FLOR).

Distribuição e comentários: Da Bahia à Santa Catarina. *Marlierea silvatica* é uma espécie endêmica do Brasil e exclusiva do Bioma da Mata Atlântica (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). Suas folhas grandes chamam atenção. O tamanho das folhas é maior do que a maioria das espécies de Myrtaceae encontradas

no PMLP. Tricomas simples de coloração avermelhada recobrem a face abaxial das folhas e são mais predominantes na região da nervura central. Os ramos, inflorescências e flores também são cobertos por essa pubescência ferrugínea. A espécie floresce nos meses de dezembro e janeiro. Frutos maduros de julho em diante (LEGRAND; KLEIN, 1971). No PMLP foi coletada no mês de dezembro e apresentava flores e botões florais.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.14 *Myrcia hartwegiana* (O. Berg) Kiaersk. Enumeratio Myrtacearum Brasiliensium 109. 1893.

Nome popular: Guamirim

Descrição morfológica: Arbusto ou arvoreta de até 6 m de altura. Ramos novos, inflorescências, bractéolas, pedicelos e ambas as faces da lâmina foliar recoberto por tricomas esbranquiçados. Folhas com pecíolos 1,6-4,7 mm de compr.; lâminas 2,3-4 x 1,8-2,6 cm, coriáceas e rígidas, oval a obovadas, ápice obtuso e base obtusa. Margem inteira. Nervura central plana na face adaxial e saliente na face abaxial. Uma nervura marginal. Inflorescência do tipo panícula, 36-44 mm de compr.; bractéolas presentes 1,9-2,15 x 0,5-0,65 mm; sépalas iguais 1-1,2x1,3-1,8 mm; pétalas 3,3-4,3 x 2,4-2,6 mm. Botão floral 3,6-4,4 mm de compr. Estilete 4-5,5 mm. Ovário bilocular. Frutos globosos 4,3-5,5 mm de compr.

Material examinado: Lagoa do Peri, 01.XII.2017 (fl.) (fr.), *Caddah, M.K.* 1056 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Santo Antônio de Lisboa, IV.2016, *Chicatto, D.* 2 (FLOR).

Distribuição e comentários: Espécie nativa e endêmica do Brasil, com ocorrências confirmadas apenas nas regiões Sul e Sudeste. *Myrcia hartwegiana* parece ser restrita aos domínios da Mata Atlântica (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). As inflorescências são relativamente pequenas, não ultrapassando 4 cm de comprimento (tamanho similar ao das folhas). Os tricomas simples e de coloração branca são esparsos na face adaxial, já a face abaxial apresenta grande pilosidade. As bractéolas e inflorescências também são recobertas por tricomas. De acordo com o Species Link (2018) existe apenas um registro dessa espécie na cidade de Florianópolis. Floresce de novembro a abril, frutifica de outubro a dezembro (LEGRAND; KLEIN, 1969). Assemelha-se em diversos aspectos a *M. palustris* (ver comentários em *M. palustris*). No PMLP a espécie foi encontrada em área de vegetação de Floresta Ombrófila Densa, e apresentava flores e frutos verdes.

5.15 *Myrcia hatsbaschii* D. Legrand Sellowia 13: 293. 1961.

Nome popular: Guaramirim-ferro

Descrição morfológica: Árvore de até 15 m de alt. Ramos jovens, inflorescências, botões florais e face abaxial das folhas recobertos por tricomas de coloração avermelhada. Folhas com pecíolos 4,7-7,5 mm de compr.; lâminas 3,5-5,5 x 1,6-2,2 cm, cartáceas, elípticas, ápice obtuso-acuminado e base atenuada. Margem inteira, nervura central impressa na face adaxial e saliente na face abaxial. Inflorescência do tipo panícula, axilares, 65-115 mm de compr.; pedicelos 3,3-8,5 mm de compr.; bractéolas não vistas; sépalas iguais 1,1-1,3 x 0,9-1,5 mm. Ovário bilocular. Frutos globosos.

Material examinado: Cachoeira Pequena, Lagoa do Peri, 22.I.1980 (fl.), *Bresolin, A.* 1387 (FLOR);

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Morro do Ribeirão, 19.XII.1967, *Klein, R.M.* 7684 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Myrcia hatschbachii* é uma espécie nativa e endêmica do Brasil. Sua distribuição ocorre apenas nos três Estados da região Sul (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é exclusiva do bioma da Mata Atlântica. De acordo com Legrand e Klein (1978), a pilosidade avermelhada que recobre os raminhos e inflorescências e os botões florais pequenos e avermelhados, nomearam popularmente esta espécie de Guaramirim-ferro. Seus frutos têm formato globoso, são verdes quando imaturos e roxos quando atingem a maturação. A espécie floresce nos meses de dezembro e janeiro (LEGRAND; KLEIN, 1978). No PMLP foi coletada em área de vegetação bem preservada de Floresta Ombrófila Densa.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.16 *Myrcia multiflora* (Lam.) DC. Prodrromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 3: 244. 1828.

Nome popular: Cambuí

Descrição morfológica: Arbusto, arvoreta ou árvore de até 10 metros de alt. Ramos jovens e pecíolos recobertos por tricomas. Folhas com pecíolos 1,8-4,5 mm de compr.; lâmina 2-5,5 x 1,5-3 cm, cartácea, elíptica-ovada, ápice acuminado ou cuspidado, base aguda, raro atenuada. Margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial e levemente saliente na face abaxial, duas nervuras marginais bem marcadas. Inflorescência do tipo panículas, axilares, 2-3 cm de compr.;

brácteas 2,2-2,5 x 0,4-0,5 mm; bractéolas 0,8-1,2 x 0,1-0,25 mm. Botões florais globosos e diminutos (cerca de 1,5-2 mm). Ovário bilocular. Frutos globosos.

Material examinado: Sede do Parque Municipal da Lagoa do Peri, 06.X.2018 (bot.), *Pellis*, V.F 19 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Barra da Lagoa, 14-XII-2008, *Falkenberg*, D.B 1105 (FLOR).

Distribuição e comentários: Possui ocorrência registrada para todas as regiões brasileiras. A espécie não é endêmica do Brasil (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020*, em construção). Floresce de outubro a fevereiro. Frutos maduros de dezembro a março. Frutos apresentam formato globoso. No PMLP a espécie foi coletada no mês de outubro, em uma área de solo arenoso. Apresentava apenas botões florais. Nos indivíduos jovens, as sépalas apresentam coloração avermelhada.

Status de conservação: Espécie avaliada na categoria Least Concern (Pouco Preocupante) pela IUCN (2018).

5.17 *Myrcia neolucida* A.R. Lourenço & E. Lucas. *Phytotaxa* 373(1): 79. 2018.

Nome popular: Guamirim-ferro.

Descrição morfológica: Árvore até 10 m de alt. Folhas e ramos glabros, porém apresenta tricomas de coloração alva no hipanto, sépalas e pecíolos. Folhas com pecíolos 5-9,5 mm de compr.; lâmina 7,5-10 x 2,5-4,5 cm, cartácea, elíptica, ápice agudo-acuminado e base atenuada. Margem inteira, nervura central impressa na face adaxial e saliente na face abaxial; nervuras secundárias numerosas > 20 pares; duas nervuras marginais. Inflorescências panículas, terminais, 5-9 cm de compr.;

bractéolas não vistas. Ovário bilocular, liso. Frutos globosos 3-5,5 mm de compr.; sépalas iguais e persistentes.

Material examinado: 10.III.2010 (fr.), *Cadorin, T.J.; Grosch, B. & Zimmermann, R. 1645* (FURB).

Material adicional: Santa Catarina, Florianópolis: Morro do Ribeirão, 16.V.1967, *Klein, R.M. 7396* (FLOR).

Distribuição e comentários: *Myrcia neolucida*, é uma espécie nativa, porém não endêmica do Brasil. Têm ocorrência registrada em todos os Estados das regiões Sul e Sudeste. No Nordeste possui registro apenas na Bahia, e no Norte, no Amapá (Floresta Amazônica) (Myrtaceae in Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é considerada muito comum. Floresce nos meses de dezembro e janeiro e os frutos amadurecem de maio em diante (LEGRAND; KLEIN, 1971). No Parque Municipal da Lagoa do Peri, *M. neolucida* foi coletada em área de Floresta Ombrófila Densa. Apresentava apenas frutos no momento da coleta.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.18 *Myrcia palustris* DC. Prodrômus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 3: 246. 1828.

Nome popular: Guamirim; Cambuí.

Descrição morfológica: Árvores ou arbustos de 10 m de alt. Tricomatas recobrem os pecíolos, face abaxial das lâminas foliares e inflorescências. Folhas com pecíolos 2,3-3,5 mm de compr.; lâmina 3-4,5 x 1,2-2 cm, membranácea a cartácea, elíptica, raro obovada, ápice obtuso-agudo e base aguda. Margem inteira, nervura central plana na face adaxial e levemente saliente na face abaxial; uma nervura marginal. Inflorescências panículas, axilares, 10-21 mm de compr.; pedicelos 4,2-

7 mm de compr.; bractéolas não vistas; sépalas iguais 0,8-1,2 mm de compr. Ovário bilocular. Frutos globosos de coloração vermelha, 6-7 mm de diâmetro; sépalas persistentes.

Material examinado: Lagoa do Peri, 16.VI.2014, *Funez, L.A.* 2523 (FURB).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Lagoinha Pequena, Rio Tavares, 09.XII.2011, *Nuernberg, A.* 380 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Myrcia palustris* é uma espécie nativa, porém não endêmica do Brasil. Sua distribuição vai desde a Bahia até Rio Grande de Sul, e no Mato Grosso, abrangendo os biomas da Caatinga e Mata Atlântica (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020*, em construção). Legrand e Klein (1967), na Flora Ilustrada Catarinense, destacam as inúmeras semelhanças entre *M. palustris* e *M. hartwegiana* (e.g. hábito, habitat, fruto, inflorescência). As espécies, porém, podem ser diferenciadas pela nervação, coloração e consistência foliar. A espécie é bastante frequente na vegetação de restinga (LEGRAND; KLIEN, 1967). No PMLP foi coletada em vegetação de restinga arbustiva, no mês de junho e apresentava apenas frutos

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.19 *Myrcia pubipetala* Miq. Linnaea 19: 441. 1847

Nome popular: Guamirim-chorão

Descrição morfológica: Árvores de 12 a 15 m de alt. Caule rugoso e descamante. Tricomas alvos recobrem a face abaxial das folhas e pecíolos, assim como as inflorescências, ramos e botões florais. Folhas com pecíolos longos, 9,15-15 mm de compr.; lâmina 5,9-9,2 x 2,3-3,8 cm, cartácea, elíptica, ápice cuspidado e base atenuada. Margem inteira,

nervura central sulcada ou plana na face adaxial e saliente na face abaxial, uma nervura marginal bem marcada, assim com as nervuras secundárias. Inflorescências axilares panículas, 7-12 mm de compr.; bractéolas não vistas; pedicelos 1,8-4,5 mm de compr.; estiletos longos de até 7 mm de compr. Ovário trilocular. Botão floral 2,4-3,7 mm de compr.

Material examinado: Cachoeira Pequena, Lagoa do Peri, 22.I.1980(fl.) (bot.), *Bresolin, A.* 1382 (FLOR);

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Saco Grande, 15.III.1967, *Klein, R.M.* 7301 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Myrcia pubipetala* ocorre da Bahia ao Rio Grande do Sul, sendo exclusiva do bioma da Mata Atlântica (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020*, em construção). Floresce nos meses de janeiro, fevereiro e março. Frutos maduros durante os meses de setembro, outubro e novembro (LEGRAND; KLEIN, 1967). No PMLP foi coletada na vegetação de Floresta Ombrófila Densa, durante o mês de janeiro e apresentava apenas flores e botões florais. Suas folhas são relativamente grandes e pecíolos são mais longos do que na maioria das espécies de *Myrcia* coletadas na área do Parque.

Status de conservação: A espécie encontra-se na categoria LC (Pouco Preocupante) de acordo com o CNC Flora (2012).

5.20 *Myrcia splendens* (Sw.) DC. Prodr. Systematis Naturalis Regni

Vegetabilis 3: 244. 1828.

Fig.5 (F)

Nome popular: Guaramirim-miúdo, guaramirim de folha fina, araçazinho;

Descrição morfológica: Arvoretas ou árvores até 18m de altura. Tricomas de coloração branca recobrem a face abaxial da folha, pecíolos, raques, pedicelos, sépalas e pétalas. Folhas com pecíolos 1,2-3 mm de compr.; lâmina 2,8-6,5 x 1-1,6 cm, cartácea, lanceolada, raro elíptica, ápice acuminado e base atenuada. Margem inteira, nervura plana na face adaxial e pouco saliente na face abaxial; uma nervura marginal. Inflorescência panícula, axilares 30-40 mm de compr.; pedicelos 0,65-3,90 mm de compr.; bractéolas 0,4-1,8 x 0,15-0,3 mm; sépalas iguais 0,6-1,3 x 0,6-1,4 mm; pétalas 2-2,5 x 1,4-2; botão floral 2,98 x 1,75 mm; estilete 3,7-3,85 mm. Ovário 2-locular. Frutos globosos 6,9-11 mm de compr.

Material examinado: Parque Municipal da Lagoa do Peri, 1.XII.2017 (fl.) (bot.), *Caddah, M.K*, 1053 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Campeche, XI.2016, *Ostroski, P.* 1 (FLOR)

Distribuição e comentários: *Myrcia splendens* é uma espécie muito bem distribuída no Brasil, e possui registro de ocorrência em todos os Estados (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). A espécie é nativa e endêmica do Brasil. Floresce nos meses de outubro, novembro e dezembro, e frutifica de janeiro a março (LEGRAND; KLEIN, 1969). Por ser tão bem distribuída em diferentes biomas e fitofisionomias, a espécie apresenta grande plasticidade fenotípica (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). No PMLP a espécie foi coletada em área de vegetação de restinga e apresentava flores e botões florais no momento da coleta.

Status de conservação: Espécie avaliada na categoria Least Concern (Pouco Preocupante) pela IUCN (2018).

5.21 *Myrciaria plinioides* D. Legrand. Sellowia no. 13: 329. 1961.

Nome popular: Cambuí

Descrição morfológica: Arbustos ou arvoretas de até 5 m de alt. Tricomas recobrem os ramos e ambas as faces da lâmina foliar, mais densamente presente junto à nervura central. Folhas com pecíolos curtos 1,5-2 mm de compr.; lâmina 2,5-4,5 x 1-1,6 cm, cartácea, elíptica, ápice agudo-acuminado e base aguda. Margem inteira, nervura central impressa em ambas as faces, ou levemente saliente na face abaxial da folha; uma nervura marginal; inflorescência cauliflora, axilares; sépalas 2-2,5 mm de compr. Botões florais arredondados, de 2-4 mm de compr. Ovário bilocular. Frutos globosos de coloração roxa quando maduros.

Material examinado: Trilha da Gurita, Lagoa do Peri, 18.III.2018, *Pellis, V.F.*, 13 (FLOR); Lagoa do Peri, 19.XII.1979, *Bresolin, A.* 1379 (FURB);

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Pântano do Sul, 19.XII.1970, *Klein, R.M.* 9183 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Myrciaria plinioides* é endêmica e nativa do Brasil. Possui ocorrência registrada apenas na região Sul, nos Estados de Santa Catarina e no Rio Grande Sul (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020*, em construção). A espécie floresce de agosto a janeiro, e frutifica de setembro em diante, e é considerada bastante rara (LEGRAND; KLEIN, 1978). De acordo com os dados trazidos pelo Species Link (até o presente momento) existem apenas 12 registros da espécie para o município de Florianópolis. *Myrciaria plinioides* foi coletada durante as expedições a campo deste trabalho. Seu último registro anteriormente à esta coleta datava de 1993.

Status de conservação: Espécie classificada como VU (Vulnerável) pela IUCN (2019).

5.22 *Plinia peruviana* (Poir.) Govaerts. World Checklist of Myrtaceae 344. 2008.

Nome popular: Jabuticabeira.

Descrição morfológica: Árvore ou arvoreta de até 10 m de alt. Folhas glabras, porém os pecíolos são recobertos por alvos tricomas. Folhas com pecíolos 2,8-3,5 mm de compr.; lâmina 3-7,5 x 2-3,5 cm, membranácea a cartácea, elíptica, ápice cuspidado, raro agudo e base atenuada. Margem inteira, nervuras centrais levemente salientes na face abaxial e planas na face adaxial; duas nervuras marginais. Flores não observadas. Frutos sésseis e globosos, de 2-3 mm de diâmetro.

Material examinado: Trilha da Gurita, Lagoa do Peri, 18.III.2018 (fr.), *Pellis, V.F.*, 14 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Paraná, Londrina: Mata do Godoy. 20.XI.1985 (fl.), *Yamamoto, C.E.*, 40 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Plinia peruviana* é uma espécie nativa, porém não endêmica do Brasil, e possui registros de ocorrência para todos os Estados das regiões Sudeste e Sul (*Myrtaceae in Flora do Brasil 2020*, em construção). As folhas têm coloração verde escuro em sua face adaxial e verde claro na face abaxial, onde as nervuras destacam-se visualmente. A nervura marginal duplicada é uma marcante característica da espécie, assim como os frutos sésseis e globosos, e aspecto revoluto da margem das folhas. A espécie floresce nos meses de setembro a dezembro, e os frutos amadurecem de novembro em diante. Os frutos possuem sabor adocicado e são bastante apreciados pela

população em geral (LEGRAND; KLEIN, 1978). No PMLP foi coletada em vegetação de Floresta Ombrófila Densa, no mês de março e apresentava somente frutos secos.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto à ameaça.

5.23 *Psidium cattleianum* Sabine. Transactions of the Horticultural Society of London 4: [315–]–317, pl. 11. 1822. Fig.5 (A).

Nome popular: Araçá

Descrição morfológica: Arbusto ou árvore de até 5 m de altura. Planta glabra em toda sua extensão. Folhas com pecíolos 6-20 mm de compr.; lâmina 5-11 x 3,1-5 cm, coriácea, obovada, ápice cuspidado-obtuso e base atenuada. Margem inteira, nervura central plana na face adaxial e pouco saliente na face abaxial, uma nervura marginal; Flores isoladas, com pedicelo 3-6 mm de compr.; sépalas iguais 5,7-10,8 x 6,9-9,5 mm; pétalas côncavas 6-10 x 5,3-8,2 mm; botão floral 7,2-13 x 6,5-10 mm. Estilete 3,5-8,5mm de compr.; Ovário trilocular. Frutos globosos.

Material examinado: Lagoa do Peri, Caminho do Guarani, 01.XI.2017 (fl.) (bot.), *V.F Pellis* 1.

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Ribeirão da Ilha, 17.X.1969, *R.M. Klein* 8414 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Psidium cattleianum* é uma espécie nativa ocorrente nos domínios fitogeográficos da Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. É considerada uma espécie com ampla distribuição, com registros para os Estados da Bahia, Ceará, Sergipe, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em

construção). Floresce de setembro até janeiro, com frutos maduros de fevereiro em diante (LEGRAND; KLEIN, 1969). Dispõe de um caule descamante de coloração avermelhada e casca lisa, bastante característica. Suas flores normalmente têm cinco pétalas brancas e côncavas, com glândulas oleíferas bem visíveis na lupa. Com muitos estames, a deiscência das anteras é rimosa e tecas beges. Sépalas grandes e verdes. É frequentemente cultivada e seus frutos são comestíveis.

5.24 *Psidium guajava* L. Species Plantarum 1: 470. 1753. Fig.5 (B).

Nome popular: Goiabeira.

Descrição morfológica: Árvore ou arvoreta de até 7 m de alt. Folhas glabras, porém as pétalas e pedicelos são recobertos por alvos tricomas. Caule tortuoso, liso e descamante, de coloração marrom avermelhada. Folhas com pecíolos 5-8 mm de compr.; lâmina 5-12 x 4,5-6,5 cm, cartácea a subcoriácea, obovada a elíptica, ápice obtuso, raro retuso e base obtusa, raro truncada. Margem inteira, com aspecto revoluto, nervuras principais e secundárias são sulcadas na face adaxial e salientes na face abaxial, uma nervura marginal. Flores solitárias, pentâmeras e axilares; bractéolas 2,5-5 x 0,3-0,5 mm; pedicelos longos 16-20 mm de compr.; pétalas 7-8,75 x 5-7 mm; estilete 8-10 mm de compr. Ovário 4-5 locular. Frutos globosos.

Material examinado: Trilha da Gurita, Lagoa do Peri, 18.III.2018 (fr.), *Pellis*, V.F. 9 (FLOR).

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Horto Botânico da UFSC, 5.XII.1972, *Bresolin*, A. 654 (FLOR).

Distribuição e comentários: *Psidium guajava* é uma espécie exótica, originária da América Central. Introduzida e naturalizada no Brasil, possui registro de ocorrência para todas as regiões e está presente na maior parte dos Estados brasileiros (Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). O tronco liso e descamante, além de tortuoso é uma das características mais marcantes da espécie. Seus frutos são bastante apreciados pela população. De acordo com LORENZI (2002) a espécie também é utilizada para fins medicinais, como o tratamento de diarreias e inflamações da boca e garganta.

Status de conservação: Espécie não avaliada quanto ao nível de ameaça.

5.25 *Syzygium cumini* (L.) Skeels U.S. Department of Agriculture Bureau of Plant Industry Bulletin 248: 25. 1912. Fig. 5 (E)

Nome popular: Jambolão, azeitona-roxa.

Descrição morfológica: Árvores de até 10 m. Plantas glabras em toda sua extensão. Folhas com pecíolos 4-18 mm de compr.; lâmina 4,5-15 x 3,5-7,8 cm, cartácea, elíptico-lanceoladas, ápice cuspidado e base atenuada. Inflorescências panículas axilares, cauliflora; flores sésseis; corola dialipétala e cálice gamossépalo. Ovário bilocular. Frutos elipsoides e lisos 10,93-14,33 x 9,05-12,94 mm.

Material examinado: Lagoa do Peri, 27.IX.2018 (fr.), *R. Borges* s.n (FLOR);

Material adicional: Brasil, Santa Catarina, Florianópolis: Barra da Lagoa, 05.III.1993, *A. Zanin* s.n (FLOR).

Distribuição e comentários: *Syzygium cumini* é uma espécie nativa da Ásia, porém foi naturalizada no Brasil e possui ampla distribuição

(Myrtaceae *in* Flora do Brasil 2020, em construção). As inflorescências possuem coloração branca e bege. Os frutos são rosa e amarelos no estágio de amadurecimento, e possuem sabor adstringente. Floresce nos meses de setembro a novembro, e os frutos maduros são encontrados de dezembro a fevereiro. Além de cultivada para consumo de seus frutos, a espécie também possui fins medicinais. Estudos comprovam que *Syzygium cumini* possui propriedades hipoglicemiantes, sendo uma antiga fonte de tratamento para pessoas portadoras da diabetes (LOREZNI, 2002).

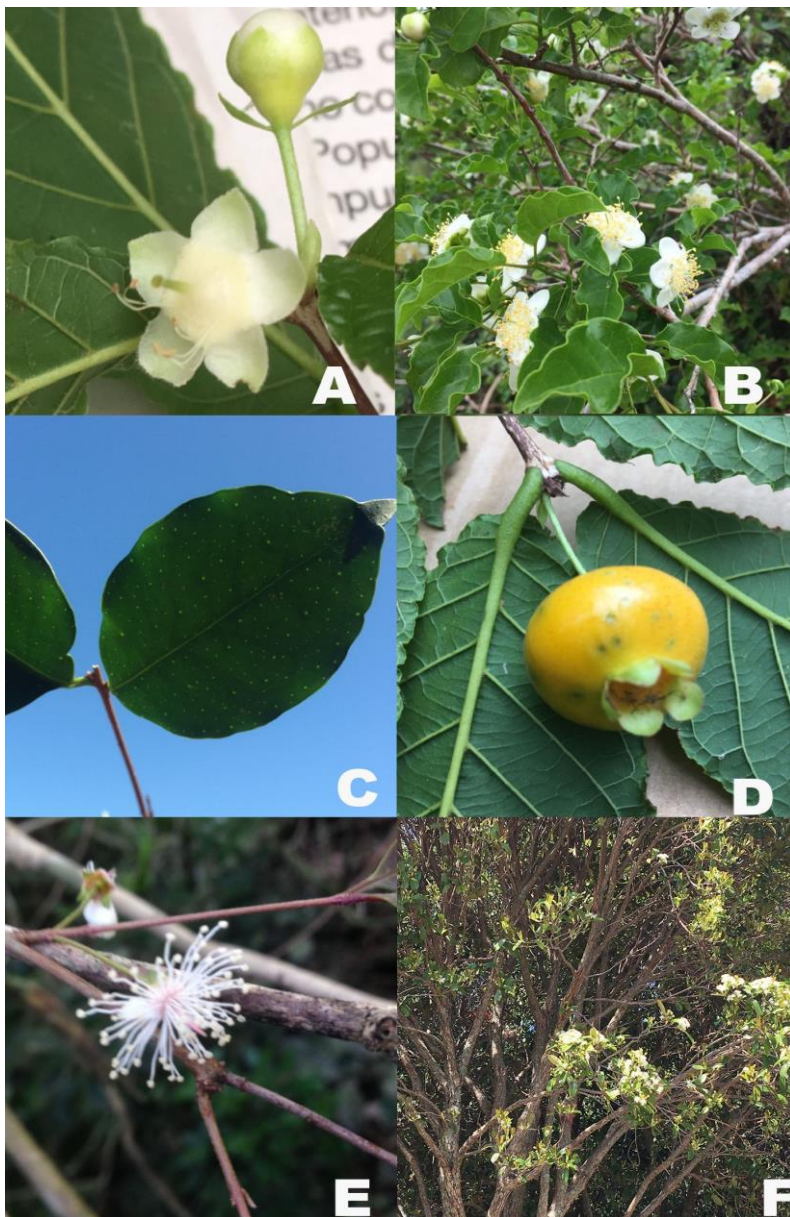


Fig 3. *Campomanesia xanthocarpa*, botão e flor (A); fruto maduro (D). B. *Campomanesia littoralis*, flores e folhas. *Eugenia stigmatica*, folhas (C) e flores (E). *Eugenia brasiliensis*, hábito (F).

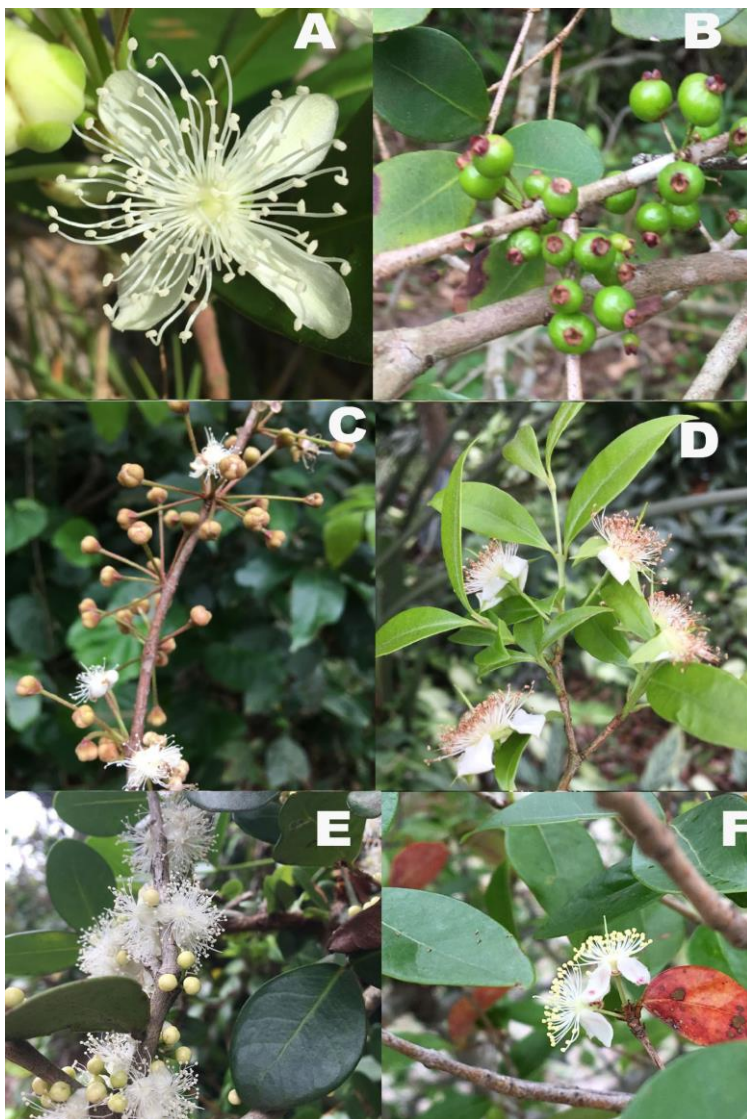


Fig 4. A. *Eugenia brasiliensis*, flor. B. *Eugenia catharinae*, frutos imaturos. C. *Eugenia brevistyla*, inflorescências. D. *Eugenia involucrata*, ramo florífero. E. *Eugenia astringens*, ramo florífero. F *Eugenia uniflora*, flor e folhas.

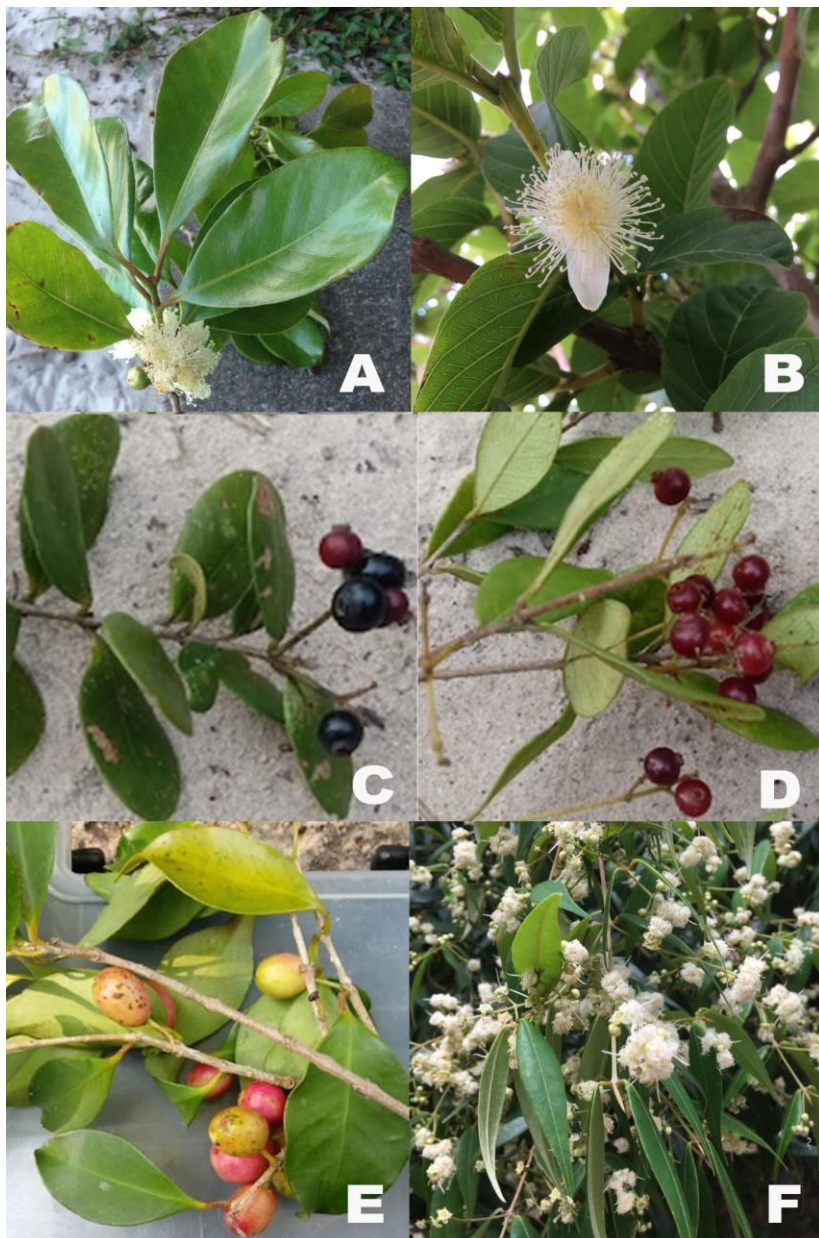


Fig 5. A. *Psidium cattleianum*, flor e folhas. B. *Psidium guajava*, flor e folhas. C e D. *Myrcia brasiliensis*, frutos e folhas. E. *Syzygium cumini*, frutos e folhas. F. *Myrcia splendens*, inflorescências e folhas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da presente pesquisa registou-se um total 25 espécies de Myrtaceae ocorrentes dentro do Parque Municipal da Lagoa do Peri, sendo que 2 delas são exóticas naturalizadas. Os gêneros *Myrcia* e *Eugenia* apresentaram a maior riqueza de espécies (9 spp. cada).

É importante mencionar que duas espécies registradas no SPECIESLINK (2019), *Eugenia cerasiflora* e *Myrciaria floribunda*, coletadas no PMLP, ainda não foram incluídas neste trabalho. *M. floribunda* encontra-se em empréstimo e *E. cerasiflora*, coleta de 1960, encontra-se em estudo, e foi identificada recentemente, em maio de 2019, no herbário PACA, em São Leopoldo (RS).

No banco de dados do SPECIESLINK (2019) 12 espécies haviam sido encontradas no PMLP. Desta forma, este trabalho inclui a ocorrência de 13 novas espécies para a área, sendo elas: *Campomanesia littoralis*, *Eugenia brevistila*, *E. brasiliensis*, *E. catharinae*, *E. involucrata*, *Myrcia brasiliensis*, *M. hartwegiana*, *M. multiflora*, *M. splendens*, *Psidium guajava*, *P. cattleianum*, *Plinia peruviana* e *Syzygium cumini*.

Algumas das novas espécies encontradas no PMLP possuem poucos registros de coleta em Florianópolis. É o caso de *Eugenia involucrata*, que possui apenas três registros para o município e *Myrcia hartwegiana*, que possui apenas um. *Plinia peruviana* não possuía nenhum registro até o momento para a cidade, e apenas onze para o Estado de Santa Catarina.

A maior parte das espécies ocorre em áreas de Floresta Ombrófila Densa, em estágios de sucessão secundários e avançados, porém algumas espécies, como *Campomanesia littoralis* e *Eugenia catharinae*,

são exclusivas da vegetação de restinga. Outras espécies, como *Myrcia multiflora* e *Eugenia uniflora*, crescem em locais mais urbanizados e arenosos, como o estacionamento da sede do Parque.

Duas das espécies encontradas na área do Parque estão ameaçadas de extinção. *Myrciaria plinioides* encontra-se na Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção de 2017. A espécie encontra-se na categoria VU (vulnerável) de acordo com o IBAMA e com a IUCN. *Myrcia pubipetala* foi classificada na categoria LC de ameaça (Pouco Preocupante) de acordo com o CNC Flora em 2012. *M. pubipetala* possui apenas dois registros de ocorrência no município de Florianópolis, o último deles já data de mais de uma década e a espécie não foi encontradas nas coletas desse trabalho.

Myrciaria plinioides foi encontrada em uma das saídas de campo referentes a este trabalho. Existiam apenas sete registros da espécie no município de Florianópolis, e todos datavam das décadas de 1960 e 1970, sendo a mais recente do ano de 1971. O fato de a espécie ter sido encontrada é muito importante no âmbito da conservação da mesma. De acordo com o CNC Flora (2012), uma das principais causas do risco de extinção das espécies citadas acima, é o severo desmatamento das florestas para expansão das atividades agrícolas e agropecuárias. Sendo assim, as unidades de conservação têm papel fundamental na proteção e conservação das espécies da flora e da fauna nativa.

Há, no entanto, uma significativa carência de estudos na esfera da conservação biológica, uma vez que a grande maioria das espécies não foi avaliada quanto aos níveis de ameaça de extinção.

7. REFERÊNCIAS

BANDEIRA AZUL. **Procedimentos e critérios**. Disponível em <http://www.bandeiraazul.org.br/criterios-e-publicacoes/>. Acesso em: 10 outubro de 2017.

BARROSO, G. M.; PERON, M. V. Myrtaceae. **Lima MPM, Guedes Bruni RR, orgs. Reserva Ecológica de Macaé de Cima: Nova Friburgo-RJ. Aspectos florísticos das espécies vasculares**, v. 1, p. 261-302, 1994.

BARROSO, G. M. et al. Myrtaceae da Reserva Florestal de Linhares, Espírito Santo, Brasil—Gêneros *Calypttranthes* e *Marlierea*. **Boletim Museu Biológico Mello Leitão**, v. 3, p. 3-38, 1995.

BEGINI, R. M. O Jerivá-*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (Arecaceae)-fenologia e interações com a fauna no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC. **Monografia**, p. 103, 2008.

BFG - The Brazil Flora Group (2015) Growing knowledge: an overview of seed plant diversity in Brazil. **Rodriguésia** 66: 1085-1113. DOI: 10.1590/21757860201566411

BINFARÉ, R. W. et al. **Guia ilustrado da flora da restinga de Santa Catarina**. 2016.

CENTRO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA FLORA. **Lista Vermelha**. Disponível em: <http://www.cncflora.jbrj.gov.br/portal>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

COSTA, I. R. **Estudos cromossômicos em espécies de Myrtaceae Juss. no sudeste do Brasil**. Novembro. p. 1–80. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2004.

DECHOUM, M. D. S.; ARELLANO, L. Desafios para a manutenção de serviços ecossistêmicos em parque municipal no sul do Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 11, n. 3, p. 153–164, 2016.

DEPUC - DEPARTAMENTO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA FLORAM. **Parque Municipal da Lagoa do Peri**. Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://depuc.wordpress.com/2011/06/14/56/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

FLORA DO BRASIL 2020 em preparação. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB171>> Acesso em: 08 Out. 2018

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE- PMF (Prefeitura Municipal de Florianópolis). **Unidades de Conservação, 2009**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/floram/index.phpcms=unidades+de+conservacao>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 395–406, 2010.

GOMES, J. P. et al. Myrtaceae na bacia do rio Caveiras: Características ecológicas e usos não madeireiros. **Floresta e Ambiente**, v. 24, p. 1–10, 2017.

GUEDES-BRUNI, R. R.; PESSOA, S. V. A.; KURTZ, C. Florística e estrutura do componente arbustivo-arbóreo de um trecho preservado de floresta montana na Reserva Ecológica de Macaé de Cima. **Serra de Macaé de Cima: diversidade florística e conservação em Mata Atlântica (HC Lima & RR Guedes-Bruni, eds.)**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 127-146, 1997.

INSTITUTO EKKO BRASIL. **Projeto Lontra**, 2017. Disponível em <http://ekkoBrasil.org.br/>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

JUDD, W. S. et al. **Sistemática Vegetal-: Um Enfoque Filogenético**. Artmed Editora, 2009.

LANDRUM, L. R.; KAWASAKI, M. L. The Genera of Myrtaceae in Brazil: An Illustrated Synoptic Treatment and Identification Keys. **Brittonia**, v. 49, n. 4, p. 508, 1997.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1967. **Mirtáceas: Gomidesia**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 1-44.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1969a. **Mirtáceas: Eugenia**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 45-216.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1969b. **Mirtáceas: Myrcia**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 217-330.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1970. **Mirtáceas: Myrceugenia**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 331-454.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1971a. **Mirtáceas: Marlierea**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 455-488.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1971b. **Mirtáceas: Calyptranthes**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp.489-552.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1972. **Mirtáceas: Calycorectes**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 553-570.

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1977. **Mirtáceas: Campomanesia, Feijoa, Britoa, Myrrhinium, Hexachlamys, Siphoneugenia, Myrcianthes, Neomitranthes, Psidium**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 571-730. 74

LEGRAND, C.D.; KLEIN, R. M. 1978. **Mirtáceas: Myrciaria, Pseudocaryophyllus, Blepharocalyx; espécies suplementares, espécies cultivadas, generalidades: chave de gêneros. Literatura. Conspecto geral das Mirtáceas. Índice**. In: Reitz, R. (org.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. Pp. 571-730.

LEGRAND, C.D; MATTOS, R. J. **Novidades taxonômicas em Myrtaceae**. Loefgrenia, 1975.

LIMA, D. F. **A família Myrtaceae Juss. nas áreas de planície da Ilha do Mel, Paraná**, 2010.

LIMA, D. F. et al. A família Myrtaceae na Ilha do Mel , Paranaguá , Estado do Paraná , Brasil. **Hoehnea**, 2015.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco J. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2002.

MIGLIATO, K. F.. et al. Ação farmacológica de *Syzygium cumini* (L.) Skeels. **acta farmacéutica bonaerense**, v. 25, n. 2, p. 310-4, 2006.

MOTA, O. N. F. O.; PAULA, L. F. DE; VIANA, P. L. Guia Prático de Métodos de Campo para Estudos de Flora 2^a edição. p. 1–81, 2014.

MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, n. 6772, p. 853–858, 2000.

RHEINGANTZ, M. L.; TRINCA, C. S. *Lontra longicaudis*. **The IUCN Red List of Threatened Species 2015**, v. 8235, p. e.T12304A21937379, 2015.

SANTOS, G. F. DOS; SILVA, J. T. N. Análise Ambiental da Lagoa do Peri. **Geosul**, p. 101–123, 1989.

SILVA, A. A. S. **Parque Municipal da Lagoa do Peri subsídios para o gerenciamento ambiental**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOBRAL, M. **A família das Myrtaceae no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 216 p.

SOBRAL, M. et al. Myrtaceae in lista de espécies da flora do Brasil. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, v. 10, 2015.

SOBRAL, M., PROENÇA, C., SOUZA, M., MAZINE, F., LUCAS, E. 2015. **Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB171>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

SPECIES Link, 2018. Disponível em: <http://www.splink.org.br/index?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2018.

THE PLANT LIST. **Myrtaceae, 2013**. Disponível em: <http://www.theplantlist.org/1.1/browse/A/Myrtaceae/>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

WAGNER, A. M. **Myrtaceae no Sul da Mata Atlântica: A FLORA ALTOMONTANA DO PARQUE NACIONAL DE SÃO JOAQUIM, RELAÇÕES FLORÍSTICAS E CONDICIONANTES GEOCLIMÁTICOS**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

WCSP - World Checklist of Selected Plant Families. **Myrcia**. Disponível em: <http://wcsp.science.kew.org/qsearch.do;jsessionid=8551F45CD3E35A90628B6F811D3914C0.kppapp05-wcsp> < Acesso em: 04 Jun. 2019.

WILSON, P. G. et al. Myrtaceae revisited: A reassessment of infrafamilial groups. **American Journal of Botany**, v. 88, n. 11, p. 2013–2025, 2001.

WILSON, P.G. 2011. Myrtaceae. In: Kubitzki, K. (ed.). **The families and genera of vascular plants**, Flowering Plants, Eudicots, Sapindales, Cucurbitales, Myrtaceae. Springer Verlag, Berlin, Heidelberg. Volume X. Pp. 212-271.